

ARTIGOS



A “Phenix Caixeiral”* (1891-1979) e como desapareceram dois testemunhos importantes da história de Fortaleza

PEDRO ALBERTO DE OLIVEIRA SILVA**

A Revista do Instituto do Ceará, durante seus 121 anos de existência, é repositório de importantes fontes documentais e de pesquisas relacionadas com a história do Ceará. Entretanto, não contém nenhum registro sobre, talvez, a mais importante instituição sociocultural, educacional, beneficente e filantrópica criada em Fortaleza, em 1891, e extinta em 1979 – a Fênix Caixeiral. Contemporânea dela, apenas o Instituto do Ceará sobreviveu, ininterruptamente, nesse período histórico. Fundada como uma associação de classe, ampliou seus objetivos tornando-se “uma legítima gloria cearense”. Outras associações da mesma época ficaram na história, a Fênix Caixeiral fez e ficou na história.

* Emblema da Phenix Caixeiral.

** Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

Rodolfo Teófilo (1853-1932), farmacêutico, filantropo, político, historiador, contista e considerado um dos pioneiros do sanitarismo no Brasil, escreveu um livreto, publicado em 1927, intitulado *O Caixeiro* (REMINISCÊNCIAS), dedicado “aos meus prezados confrades da Phenix Caixeiral”. Nele faz um resgate histórico de um fato de sua adolescência, rememorando seu trabalho como *caixeiro*. Vale a pena transcrever um trecho como um testemunho de uma realidade social daquela profissão: “[...] A minha vida de estudante, que ia começar, e na qual as lutas não foram poucas, se tiver tempo a escreverei. Deixava uma classe de escravos que o tempo redimiu no espaço de meio século! O que é hoje a Phenix Caixeiral, surgida das cinzas da Beneficente Caixeiral, nascida e morta no mesmo dia em 1868?! Uma associação que impõe leis querendo. O caixeiro, hoje, o antigo creado de servir, com as mesmas regalias e direitos das *praças de pret* do nosso glorioso exercito, faz parte do governo da cidade, tem o seu dia feriado nacional. Tem férias marcadas por lei. O dia em que nasceu a Phenix também é feriado. Tem um banco commercial e funciona a sociedade em um palácio. Além disto, recebe uma subvenção do Governo Federal, que é muito bem aplicada, mantendo para seus associados aulas de preparatórios e uma escola de commercio, que dá annualmente alguns guarda-livros. A Phenix é hoje uma potencia! Os seus sócios, mais de mil, sabem manejar as armas e quem seria capaz de fazel-os(*sic*) pelas humilhações que nós passamos! São os tempos que se vingam uns dos outros.” [...] Nasci velho. Adaptando-me àquelle meio eu estava completamente aniquilado. Os patrões tinham muitos filhos varões e assim não havia possibilidade de ser um dia sócio da casa...”.

A dinâmica da história fundamenta-se na ação dos homens em sua luta pela sobrevivência no meio geográfico, econômico e social onde vivem.

O desenvolvimento da agropecuária cearense no decorrer da segunda metade do século XIX, como não poderia deixar de ser, trouxe benefícios para a vida sociocultural da Província. A Capital tornou-se, então, um núcleo de onde partiam as principais mudanças que vieram a se refletir por todo o Ceará. Enquanto o comércio varejista e de exportação tomava vulto, iniciaram reformas na educação pública e particular, surgiu uma atividade jornalística mais atuante e representativa dos partidos políticos existentes e a opinião pública ganhou mais constân-

cia. Fundaram-se vários estabelecimentos educacionais, tais como: o *Liceu do Ceará*, instituição modelo de ensino secundário, o *Seminário Diocesano*, para formação de sacerdotes, o *Atheneo Cearense*, colégio para rapazes, o *Colégio da Imaculada Conceição*, para moças, ambos particulares. Foram também criados uma *Biblioteca Pública e Arquivo*, inaugurados em 1867, com um acervo de 1.730 volumes, dos quais 614 comprados na Europa e 1116 doados por particulares. A hemeroteca mantinha assinatura de revistas nacionais e estrangeiras. Pelos relatórios de seus diretores sabe-se que a frequência de leitores era numerosa. Com pouca intensidade, aquelas mudanças refletiam-se em outras cidades importantes.

A situação socioeconômica, então vigente, concorreu para o surgimento de uma classe média cidadina, composta de pequenos comerciantes, comerciários especializados, funcionários públicos, profissionais liberais, artífices especializados e estudantes. Esses últimos, em sua maioria, filhos de grandes, médios e pequenos proprietários rurais que procuravam as cidades para sobreviverem condignamente. Muitos deles seguiam para o Recife onde iam estudar Direito, o curso preferido pelos mais abastados, ou para a Bahia, Medicina.

O deslocamento dos jovens desse segmento da sociedade para as cidades prendia-se, também, a impossibilidade das atividades agropastoris interioranas oferecerem condições de eles manterem seu status social nos locais de origem. A permanência ou ascensão social era mais propícia quando nas cidades. Nessa conjuntura, destaca-se o fator *educação*, o grande nivelador das diferenças sociais.

As secas periódicas concorreram para o aumento populacional de Fortaleza. Apesar do desenvolvimento econômico ocorrido, a cidade somente pôde absorver parte daquele fluxo migratório no serviço público, atividades comerciais e afins. O comércio varejista empregou grande parte daquela mão-de-obra sem qualificação profissional. As limitações do sistema educacional foi um fator negativo nesse processo de absorção social.

Os operários com um ofício não tinham destaque social, mas por serem imprescindíveis à vida da cidade, tinham um status reconhecido na comunidade. Os escravos e seus descendentes, mesmo depois da abolição, continuaram como *servos* exercendo atividades domésticas ou serviços avulsos.

A presença do *Caixeiro de balcão*.

Recorremos, ainda, ao citado livro de Rodolpho Theophilo, testemunha da época, no terceiro quartel do século XIX, quando diz: “o caixeiro não podia exercer o direito do voto porque era considerado *praça de pret.* O caixeiro era um creado de servir” (p. 10). “[...] Continuei na minha labuta do commercio, cada vez mais convencido de que só livro me libertaria” (p. 57). “[...] A esse tempo, como disse, os exames preparatórios eram feitos nas capitaes em que havia Academia... Logo que soube estar inscripto, tratei do mais difficil, obter dos patrões (que tudo indica eram seus parentes) licença para deixar a casa.. *Eu era um escravo branco.*(grifo nosso). Os patrões troçaram de minha pretensão” (p. 65-66).

O crescimento das atividades comerciais aumentou o número de empregados nesse setor, criando, conseqüentemente, uma classe numerosa e variada devido as múltiplas funções que exerciam. O *caixeiro de balcão* (*caixeiro de vassoura*) era apenas um segmento dela. Devemos esclarecer que muitas pessoas de destaque da história fortalezense iniciaram sua vida profissional como *caixeiro de balcão*. Portanto, o testemunho de Rodolpho Theophilo é importante quando descreve essa atividade exercida por ele em 1868, e quando, em 1926, o ex-empregado do comércio já havia conquistado, então sócio da Phenix Caixeiral, um lugar destacado na vida sociocultural de Fortaleza.

A ascensão dessa classe é comprovada pelos fatos ocorridos nas três últimas décadas do século XIX. Nessa época, a presença de estrangeiros era predominante nas atividades comerciais, destacando-se franceses, ingleses e portugueses, agregados a alta sociedade da Capital. É bem sintomática a prevenção social existente quando é fundado o Clube Cearense (1867), congregando a elite fortalezense. Fechado ao ingresso de pessoas consideradas não condizentes ao quadro social de seus associados. Em sua luxuosa sede foi expulso Antonio Costa Sousa – guarda-livros – quando convidado por um sócio, não tão preconceituoso, jogava uma partida de bilhar.(GIRÃO: 232). Junte-se a esse fato, outro ocorrido posteriormente ao “ter sido recusada a proposta, para sócio do Clube, do funcionário da Alfândega – Francisco Carneiro Monteiro”.(GIRÃO: 233).

A Classe Caixeiral, já consciente de sua importância, cria em dezembro de 1870 uma *sociedade beneficente* cujos estatutos foram aprovados em junho de 1871. O Barão de Studart afirma que “alguns caixei-

ros foram seus fundadores” (STUDART: 206, t.II), tomando ela o nome de “Oito de Dezembro”. Tudo indica que essa entidade foi o núcleo inicial do *Reform Club*, em 1876. O historiador Raimundo Girão, anotando Antônio Bezerra em seu livro *Descrição da Cidade de Fortaleza*, registra que o *Reform Club* foi criado e inaugurado em 28 de janeiro de 1882 (referia-se ao novo prédio de sua sede) por uma sociedade constituída de empregados do comércio. (MENEZES:218). O Barão de Studart pode dirimir dúvidas com a seguinte anotação: “29 de Junho (1880) – Inauguração da bibliotheca do *Reform Club*, no prédio n.105 da Rua Formosa. Instituída em Fortaleza a 29 de Junho de 1876 uma sociedade de rapazes empregados no commercio, no caráter de sociedade de socorros mútuos, na presente data commemorou o seo 4º. anniversario iniciando a fundação de uma bibliotheca com o numero de 960 volumes offerecidos pelos sócios. Funcionou este estabelecimento litterario desde o dia 28 de Janeiro de 1882 em um edificio mandado construir na mesma rua pela sociedade. A pedra d’esse bello edificio fora assemtada a 28 de Junho de 1879 e começadas as respectivas obras a 9 de Novembro de 1880. Teve essa sociedade o titulo de Imperial, em virtude de portaria do Ministério do Império de 30 de Outubro de 1883. Essa bibliotheca foi devorada por um incêndio.” (STUDART: 281, t.II).

O progresso do *Reform Club* é um testemunho do fortalecimento da classe caixeiral. Contudo, continuava o preconceito de alguns contra aquela numerosa e laboriosa classe. Foi divulgado por ocasião daquele evento, pela *Sociedade Caixeiral do Ceará*, um manifesto escrito, datado de 22 de janeiro de 1882, assinado por uma *comissão executiva do Club Caixeiral* composta pelos sócios Joaquim Januário Jefferson de Araújo, Olympio Barreto, José Theodorico de Castro, Manoel Rodrigues Santiago e Antonio Dias Martins Junior intitulado *Manifesto ao Publico pela Sociedade Caixeiral do Ceará. Exclusão indevida de cidadãos da lista de eleitores por serem caixeiros, intelligencia do Art.92 §3º da Constituição Política do Império e da Lei Eleitoral.Fortaleza – 1882.*

Theodorico de Castro era empregado do comércio e depois funcionário da firma exportadora Casa Boris Frères; Martins Junior era caixeiro de escrita e depois funcionário da Alfândega. Ambos participaram na fundação da sociedade PERSEVERANÇA E PORVIR, núcleo inicial da SOCIEDADE CEARENSE LIBERTADORA, líder na abolição da escravidão no Ceará.

Protestava o manifesto contra uma decisão do judiciário, excluindo o direito ao voto aos caixeiros em geral. Deveu-se isso a uma interpretação equivocada da Lei n.3029 de 9 de janeiro de 1881 e seu Decreto n.7981 de 29 de janeiro, que equiparava, segundo a Constituição do Império, *Os criados de servir com os caixeiros*. Não cabe no presente trabalho comentar esse fato, mas ele demonstra, então, a existência de uma organização ativa da classe caixeiral. Alias, ela se fez presente no movimento abolicionista em curso na Capital, chegando a fundar o Clube Abolicionista Caixeiral.

Competindo com o *Club Cearense*, da elite, foi fundado o *Club Iracema*. “Uniram-se José Marçal, Antônio Costa Sousa e seu irmão Joaquim, os despachantes Francisco Carneiro Monteiro, Francisco Teófilo G. de Oliveira, Antônio Martins e mais Papi Junior, para formarem outra sociedade diversional. O último destes sugeriu o nome, que de pronto foi aceito – *Clube Iracema*. Papi era, ao mesmo tempo, guarda-livros e despachante da casa em que trabalhava, assim como despachantes eram Carneiro Monteiro e Dias Martins, sendo por isso fácil conquistar a solidariedade do conferente Francisco Perdigão de Oliveira, cidadão estimadíssimo da população e do comércio, foi escolhido seu primeiro presidente. Sem demora eleita a diretoria em 28 de junho de 1884, acertou-se o dia 19 de julho para a festa de inauguração.”(GIRÃO: 233).

Vivenciamos assim uma realidade existente em Fortaleza, naquela época, na qual se contrapõe uma elite orgulhosa e uma classe média consciente de sua posição social. Essas diferenciações já se haviam demonstrado no movimento abolicionista entre “libertadeiros” e “emancipacionistas.” O *Clube Iracema* era constituído, em sua maioria, por empregados no comércio e naturalmente absorveu o *Reform Club*.

Os homens fazem a sua época, dão-lhe características próprias. As últimas décadas do século XIX foram de progressos socioculturais e econômicos. Nem a seca de 1877-1879 deteve esse processo histórico. Foram construídos estradas de ferro, indústrias e melhoramentos outros no Ceará. Em Fortaleza surgiu vitorioso o movimento abolicionista (1880-1884); foram fundados o *Instituto do Ceará*, a *Academia Cearense (de Letras)*, o *Gabinete Cearense de Leitura*, a *Fênix Caixeiral* e outras sociedades de intelectuais os quais vieram, posteriormente, a projetar o Ceará no mundo culto brasileiro

A população cresceu muito nesse período. Os dados estatísticos ainda eram limitados e muitas vezes contraditórios. Tomando-se como referência o historiador Barão de Studart, a cidade teria, em 1887, 26.943 habitantes. Parece-nos fidedignos os dados apresentados detalhadamente, conforme “arrolamento da cidade de Fortaleza” realizado naquele ano, a Capital possuía, como foi dito, 26.943 habitantes; sendo 26.624 brasileiros e 319 estrangeiros; 11.594 homens e 15.349 mulheres; 18.555 solteiros, 6.480 casados e 1.908 viúvos; 9.845 com profissão e 17.098 sem profissão; 9.656 sabendo ler e 17.287 analfabetos Casas com sobrados 72, térreas, 4.447 e choupanas 1.278. Edifícios públicos 36, compreendendo 10 igrejas.(STUDART: 355, t.II). Em 1872, o recenseamento registrou 21.372 almas, o de 1900, 48.369 moradores. (GIRÃO: 160, 319). Em termos comparativos a população cabia toda no Estádio Governador Plácido Aderaldo Castelo (Castelão) de Fortaleza, que comporta 58.000 espectadores.

O Almanach administrativo, estatístico, mercantil e industrial do Estado do Ceará para 1896 – confeccionado por João Câmara é importante fonte informativa, dando-nos um perfil detalhado de Fortaleza, quando relaciona os principais serviços públicos e atividades profissionais existentes e outras informações.

Encontramos nele os nomes e endereços de: casas de comércio, bancos (2); armazéns e depósitos (42); escritórios comerciais (2); hotéis (2); restaurantes (2); hospedarias (10); cafés (3); quiosques (14); bilhares (2); Sociedades Científicas e Literárias (7): *Instituto do Ceará, Academia Cearense, Padaria Espiritual, Centro Literário, Congresso de Ciências Práticas, Phenix Caixeiral, Propagadora da Arboricultura*. Imprensa (jornais e revistas): *A República, O Ceará, O Republicano, A Verdade; Diário do Ceará; O Pão; Penna, A Jandaia; Phenix Caixeiral; O Figarino*; e outros nas cidades de Baturité, Aracati e Sobral. Indústrias e Profissões: médicos (24); farmácias (10); drogarias (2); dentistas (5); advogados (18); fábricas (35); padarias (16); ourivesarias (9); alfaiatarias (15); marmorarias (2); fundição (2); guarda-livros (14); livrarias (4); litografia (1); oficinas tipográficas (8); fotografia (1); professores de música e piano (9); agências de leilões (4). Diversões: *Clube Cearense, Clube Iracema, Prado Cearense, Teatro São Luis*. Barbeiros e cabeleiros (20); pintores (5); desenhistas (5); relojoeiros (2); oficinas de bauleiros (baús) (2); tinturarias (2); fabricante de carimbos (1); oficinas

de encadernação (9); oficinas de marceneiros (9); oficinas de carpinteiros (10); fogueteiros (2); oficinas de torneiros e tanoeiros (5); oficinas de ferreiros (5); colchoeiro (1); oficinas de seleiros (1); oficina de cha-peleiro (1); oficinas de sapateiros (9); oficinas de funileiros (8); pedreiros (consta apenas os nomes, sem endereço) (15); empreiteiros e contratadores de obras (9); açougues (10). A citação de profissões, nomes e endereços é excelente referencial para o estudo do perfil social de Fortaleza naquela época (1896).

No registro sobre o Banco do Ceará, por exemplo, encontramos entre seus empregados, como guarda-livros, Joaquim Magalhães, um dos principais construtores da Sociedade Phenix Caixeiral, em seu período de ascensão e consolidação, presidente que foi desta instituição nos períodos de 1901-1902; 1905-1907 e de 1910-1919, exatamente quando foram construídas suas duas monumentais sedes. Outro funcionário daquela instituição, João Salgado, gerente, foi presidente da Phenix em 1895-1896.

Nesse ponto de nossa narração histórica, é preciso esclarecer certos fatos. Nas atividades comerciais havia o *caixeiro de balcão* (*caixeiro vassoura*) e outros empregados nas atividades comerciais ou a elas ligados; pessoas que possuíam certo grau de instrução e exerciam funções específicas naquela atividade.

Quem realizou a abolição da escravidão no Ceará não foram os chamados *Jangadeiros* mas a *Sociedade Cearense Libertadora (SCL)* constituída por lideranças esclarecidas. Assim como quem fundou e deu continuidade a *associação dos empregados do comércio* não foram os *caixeiros de balcão* (*caixeiros vassoura*). Com uma diferença: os “jangadeiros” verdadeiros continuaram analfabetos e obscuros na sociedade. Os caixeiros de balcão, através da Educação (instrução), ascenderam no exercício das atividades comerciais e conquistaram *status social* mais elevado. “Subiram na vida” como comumente é dito.

A FÊNIX foi um símbolo, CAIXEIRAL uma tradição evocativa. Aquela associação de classe possuía lideranças autênticas, instruídas e verdadeiramente idealistas. A ESCOLA DE COMÉRCIO foi o instrumento de ação desse fato. Deu oportunidades a muitos jovens pobres, de vontade, para poderem viver com dignidade e crescerem socialmente com esforço próprio. Muitos deles vieram a ter notoriedade em profissões liberais.

A cidade poderia ser considerada pobre, a maioria de sua população não podia gastar com lazer, o qual era muito limitado. Tinha que se contentar com as festas religiosas e folclóricas tradicionais, as conversas na calçada ou nos quiosques. Daí quando ocorria um ato público político ou comemorativo haver uma grande afluência de público.

Geralmente a historiografia sobre a vida sociocultural daquela época dá um toque colorido aos eventos ocorridos. Os jovens de valor, muitos dos quais despontaram na intelectualidade brasileira, posteriormente, faziam o deleite da pequena classe média instruída, com suas criações em prosa e verso. A oratória era muito apreciada. Os pequenos jornais e sociedades literárias de curta duração foram numerosos. Veja-se a *História da Literatura Cearense, 3º Tomo*, do historiador Dolor Barreira, que retrata com mestria esse fato, dedicando um estudo bem objetivo sobre a participação da Fênix.

Todo esse arrazoado pretende explicar o surgimento da Fênix Caixeiral em sua época. Ela não foi criada superficialmente pela boa vontade de poucos e permaneceu ativa, por décadas, sem causas históricas determinantes. O inter-relacionamento de certos fatos, devidamente aproveitados pelas lideranças caixeirais, mantiveram em evolução a existência de tão heróica associação de classe. Não foi também uma associação estática, no contexto das transformações socioeconômicas ao longo de sua existência. A atualização de seus estatutos foi um instrumento importante de sucesso, quando reformados em 1901, 1906, 1910, 1912, 1921, 1925, 1930 e 1938.

A promulgação da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, em 24 de fevereiro de 1891, em seu Artigo 72 § 2, declarava que “Todos são iguais perante a lei.” Entretanto se fazia necessário para a fruição deste princípio constitucional, que os cidadãos componentes de determinada classe, soubessem reclamar direitos sonogados por outros indivíduos que se julgassem membros de uma classe privilegiada. A educação do cidadão é o único meio que lhe abre o caminho de procurar seus direitos e conquistas sociais.

Em começo do mês de maio de 1891, dois jovens, Heráclito Domingues da Silva e Januário Augusto Fernandes, queixando-se a Antônio Alves Brasil, cidadão culto e experiente da sociedade fortalezense (STUDART: Dic.57), da desconsideração que existia com a classe caixeiral do Ceará, ouviu dele a seguinte opinião: *Fundem uma Socie-*

dade, escolham para dirigir rapazes de bom senso e força de vontade, e verão se o valor moral da classe não se elevará, e se ela não se tornará credora da consideração e respeito das outras classes. (MEMÓRIA: 18).

Foi formada, então, uma Comissão Iniciadora, composta por Raimundo Cabral, César A. da Silva, Miguel Teixeira de Castro Sobrinho, Januário Augusto Fernandes, Heráclito Domingues da Silva e Bemvindo Alves Pereira, os quais, unidos com vários caixeiros, reuniram-se na casa n. 193 da rua Formosa (atualmente Barão do Rio Branco), no dia 24 de maio de 1891, e fundaram a Sociedade Fênix Caixeiral. Na Ata dessa reunião consta a nomeação de uma comissão composta pelos senhores César A. da Silva, José da Silva Bomfim e Raymundo Chaves de Castro Ramos.

Em Assembléia ocorrida em 14 de junho de 1891, foram apresentados e aprovados seus primeiros estatutos. Uma Comissão formada pelos senhores Silvio Uchoa, Raymundo Cabral, Raymundo Cam, Afonso Lima, Antônio Porto e Bemvindo Alves Pereira, elegeram como Presidente Provisório, Antônio Alves Brasil confirmado na Instalação solene da sociedade, realizada no dia 24 de junho de 1891, em um dos salões do Clube Iracema.

Conta Antonio A. Brasil que não desejando assumir o cargo de Presidente, convidou outro colega obtendo a seguinte resposta: *Não vou perder tempo, aborrecer-me com uma meninada mal educada de que infelizmente é composta a classe caixeiral do Ceará.* (MEMÓRIA: 41). Aceitou, porém, naquela circunstância, aquele cargo, eleito que foi na instalação da Fênix, tornando-se seu primeiro Presidente. Jovino Guedes posteriormente veio a se tornar amigo da Fênix. (MEMÓRIA: 41).

A solenidade de Instalação “recebeu as homenagens de toda a população de Fortaleza representada por tudo quanto possuía de mais nobre.”

Surgia a FÊNIX CAIXEIRAL. Um ano depois era convidada pelo Congresso Constituinte para comparecer à sessão solene de 12 de julho de 1892, para promulgação da Constituição Política do Estado, convite assinado pelo 1º secretário, Agapito Jorge dos Santos.

Seus objetivos principais, ao longo dos anos, foram atingidos: congregar, educar, instruir e proteger seus associados.

Logo no dia 1º de agosto de 1891, sob festas e aplausos de enorme multidão, foi instalada uma ESCOLA DE COMÉRCIO. na casa n.

92 (sobrado) da rua Formosa (atualmente Barão do Rio Branco), no terceiro andar. Estavam presentes a essa solenidade representantes do Corpo Comercial, da Imprensa, das Letras, da Justiça, do Foro, das Artes, da Indústria. Na ocasião foram empossados os professores Thiago Ribas, de Português, Samuel Mundim, de Francês e Eugenio Brandão, de Aritmética. No final foi dada a palavra, fazendo uso dela os senhores: Dr. Raymundo Farias Brito, Temístocles Machado, pela União Estudantal; Eugênio Brandão, professor de Aritmética; Tenente Alfredo Peixoto; Comandante Joaquim Potiguara, pela Escola Militar; Abd El Raman Catunda, pela 19 de Outubro; A.da Cunha Mendes, aluno da Escola Militar e outros cinqüenta e cinco que assinaram a ata. (Ata de instalação) (CASTELO: 300).

As aulas eram ministradas à noite. Havia resistência ferrenha dos patrões em liberar seus empregados às 18 horas. Alguns comerciantes afirmavam: *Caixeiro é simplesmente caixeiro; não deve, não pode ser estudante*. Muitos estabelecimentos comerciais cerravam suas portas às 20 horas... Houve patrões generosos que ajudavam seus empregados. Somente em 1911, o Conselho Administrativo da Fênix com a concordância da Associação Comercial, tentaram o fechamento dos estabelecimentos às 18 horas, o que não foi conseguido. O interesse maior dos comerciantes era o lucro... Essa conquista somente veio a se concretizar com a Lei Municipal nº. 33, de 28 de dezembro de 1920, quando era Presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, Adolpho Gonçalves Siqueira, que era Presidente da Fênix. Posteriormente foi Prefeito Interino de Fortaleza em 1923-1924.

A Fênix, juntamente com sua Escola de Comércio, funcionaram nos seguintes locais: 1. Rua Formosa nº. 103 (atualmente Rua Barão do Rio Branco) esquina com a Rua Guilherme Rocha. 2. Depois se mudou para a Rua Floriano Peixoto esquina com a Rua da Assembléia (hoje Rua São Paulo), ocupando o pavimento superior. Em seus salões fundaram-se a Academia Cearense (de Letras) em 15 de agosto de 1894 e o Centro Literário em 27 de setembro deste ano; 3. Transferiu-se daí para o sobrado da Rua Major Facundo nº. 2, esquina com a Rua da Misericórdia (atualmente João Moreira); 4. Por último ocupou o imóvel, de três andares, localizado à Rua Major Facundo nº. 28 (atualmente 154-156). Deste local transferiu-se para o palacete mandado construir pela Fênix, em 1905, na Rua Guilherme Rocha esquina com a Rua General

Sampaio, frente a Praça Marquês do Herval (hoje Praça José de Alencar). Finalmente, devido ao crescimento da associação, em 1915, foi inaugurado um edifício bem maior na esquina da Rua 24 de Maio com Guilherme Rocha, também em frente a Praça Marquês do Herval. Em sua época esses dois últimos prédios talvez fossem os mais bonitos da cidade.

O historiador Antônio Bezerra de Menezes no livro *Descrição da Cidade de Fortaleza*, publicado em 1895, afirma que as disciplinas que eram ministradas na Escola eram: português, francês, inglês, aritmética, escrituração mercantil e que a associação “começou com 123 e conta atualmente 300, e destes freqüentam as aulas 180”; “na sua modesta biblioteca encontram-se mais de 800 volumes de bons autores, sobre diversos autores.”

O Barão de Studart em *Datas e fatos para a história do Ceará* registra que em 6 de fevereiro de 1898 “A Sociedade Phenix Caixeiral a 1 hora da tarde, faz inauguração de sua Bibliotheca no edifício à rua Major Facundo n. 34.”

Neste mesmo ano, no dia 25 de junho, faleceu Pedro Muniz, segundo presidente da Phenix . Era destacado cidadão e intelectual merecendo verbete no *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense, volume I*, de autoria do Barão de Studart. A associação caixeiral publicou um jornal sob o título Pedro Muniz, homenageando o 30°. dia do passamento do seu Presidente.

Naquela época a associação dos caixeiros realizou o que o governo do Estado não conseguiu: fundar e dar continuidade a uma Escola de Comércio.

A Lei nº. 544, de 14 de agosto de 1899, assinada pelo Presidente do Estado, Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly, criou uma Escola de Comércio, anexa ao Liceu do Ceará. O curso seria de dois anos abrangendo as disciplinas: português, francês, inglês, geografia, matemática elementar, contabilidade, escrituração mercantil, direito comercial e economia política.

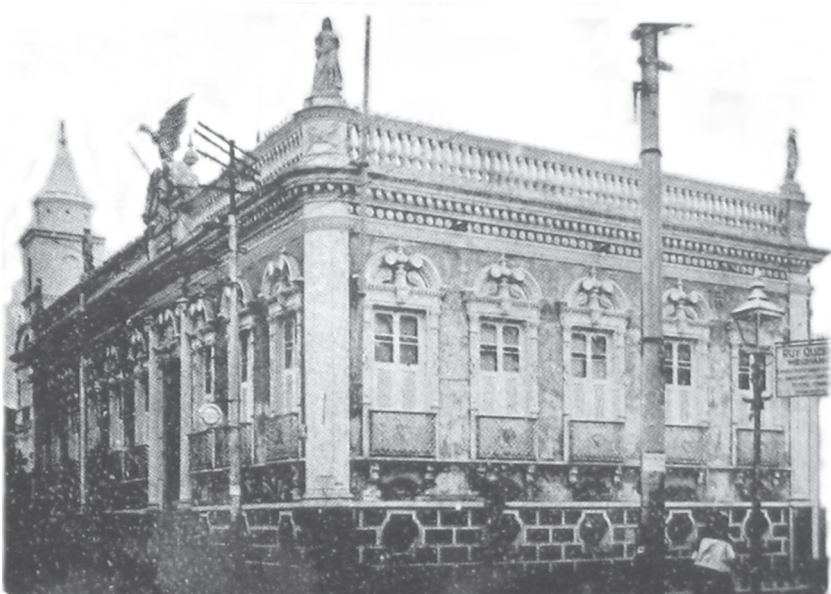
Seu regulamento foi publicado em fevereiro de 1900. Em 3 de agosto do mesmo ano a Lei nº. 597, assinada pelo Presidente Pedro Augusto Borges, autorizou a extinção da Escola. Seus professores ficaram adidos ao Liceu. Inexplicavelmente, outra Lei, a de nº. 752, de 20 de junho de 1904, sancionada pelo Presidente Antônio Pinto Nogueira

Accioly, extinguiu novamente a Escola de Comércio, “anexa ao Liceu do Ceará”. Desta vez outra Lei, sancionada pelo Presidente Coronel Marcos Franco Rabelo, a de nº. 1078, de 14 de abril de 1913, restabelece aquele estabelecimento de ensino (CASTELO: 297-300). Por coincidência, em 1904 estava em construção o palacete da Fênix da Rua General Sampaio, e em 1914 aquele da Rua 24 de Maio.

A inauguração da primeira sede própria da Fênix Caixeiral, em 1905, foi uma prova da força da “classe caixeiral” representada por suas lideranças, tendo a frente Joaquim Magalhães, seu Presidente. O *Almanach do Ceará 1906*, registra o que representou aquele fato em Fortaleza, tornando, ao ser publicado, um dos testemunhos históricos imorredouros de uma época.

A descrição é esmerada em sua síntese:

É de hontem, porém, altamente edificante, a história desta gravura. Representa ella o soberbo edificio que a brilhante sociedade de moços do commercio inaugurou em Junho do anno passado, especialmente construído para a sede social da Phenix, à praça Márquez de Herval.



Fachada do Palacete Phenix Caixeiral vista da esquina da Rua Guilherme Rocha com General Sampaio, vendo-se ao fundo a Igreja do Patrocínio - 1905

O magnífico palacete ocupa o ângulo oriental da referida praça com a rua General Sampaio. Para o lado desta rua há cinco vãos de portas e dez outros, inclusive a porta principal, fitam a Avenida Nogueira Accioly (sic).

Esta parte constitui a frente de 160 palmos (35,20m) de comprimento, 65 (14,30m) de largura e 40 (8,80m) de altura, compreendendo a rica platibanda que encima ambos os lances de edifício.

No alto da cornija correspondente à porta principal, ostenta-se o emblema da sociedade, uma Phenix, o formoso passaro de Osíris, que symbolisa as nobres aspirações da intrépida e valorosa mocidade.



Fachada do Palacete Phenix Caixerial, lado ocidental na Rua Guilherme Rocha - 1905

Para o interior do edifício penetra-se por uma bonita escada de madeira do Ceará.

Nas paredes do vestibulo estão pintadas figuras representativas da Industria e do Commercio. O fundo é de mármore cinzento com veias brancas e está tingido de óleo.

O primeiro salão em frente, é o da Bibliotheca, medindo no todo 30 palmos (6,60m) de largura por 90 (19,80m) de comprimento. O vasto salão, forrado a papel, está mobiliado por oito grandes estantes envidraçadas



Phenix Caixeiral - escadaria na entrada

que circulam, e mezas adequadas ao fim a que é destinado. Contíguo fica o pequeno gabinete da administração, também confortável e elegante.

No vestíbulo, ao lado direito, encontra-se o salão de honra, medindo 40 palmos (8,80m) de comprimento por 35 (7,70m) de largura.

As paredes são forradas de papel de fundo azul claro, e o forro do tecto, como todos os outros forros do edifício, é de aço com esplendidas ramagens em relevo, doiradas e prateadas.

O soalho é de pau setim com barras e enfeites de acapú.

Este salão é mobiliado ricamente.

Ao lado esquerdo do vestíbulo ficam dispostos dois bellos compartimentos ou salões para as aulas, ambos pintados a óleo, um cor de salmon, outro azul saphyra, guirlandados de trepadeiras e jasmims, tendo ao canto festões de rosas.

Corre em todo o fundo do edifício uma primorosa varanda paralela à rua General Sampaio. É pintada de verde claro com lindos arabescos e desenhos.



Phenix Caixeiral - Salão da Biblioteca



Phenix Caixeiral - Salão de Honra

Dessa varanda desce-se ao pateo onde estão os aparelhos para exercícios físicos, etc.

O porão do edifício ao todo ocupa uma área de 300 metros quadrados, está repartido em outras tantas dependências para aulas.

A construção que, iniciada em Março do anno passado, terminou a 10 de Junho do mesmo anno, orça por cerca de sessenta contos de reis.

Reproduzindo a estampa acima o Almanach do Ceará, o faz com o sincero intuito de uma expressiva homenagem à Constancia, ao civismo e ao valor dos moços abnegados que se congregam sob o labaro da instrução e do trabalho, ardentes e cheios de fé, congraçados por um symbolo immortal.

Assim, se expressou sobre ela, o Barão de Camocim, Vice-Presidente da Associação Commercial do Ceará, no Relatório do ano de 1906: *...Para prova do que tenho a dizer, sirva para nosso estímulo o preito que devemos render à mocidade do commercio de nossa praça; a esses moços que serão os commerciantes do futuro, pelo exemplo que nos deram com a criação da associação “Phenix Caixeiral.”*

Em 15 de junho de 1906, no recém-inaugurado Palacete da Rua Guilherme Rocha, a Fênix Caixeiral recebeu a visita do Presidente do Brasil, Dr. Afonso Augusto Moreira Pena, acompanhado de ilustre comitiva na qual encontrava-se o Presidente Antônio Pinto Nogueira Accioly. Deve ter causado boa impressão ao Presidente aquele evento, tanto assim que na mensagem presidencial apresentada ao Congresso no ano seguinte “aconselhou a Nação que auxiliasse as escolas praticas de Commercio no Estados.”

Apesar das dificuldades a Fênix atingiu os objetivos programados para os primeiros dez anos de existência. Em 1901 a *Revista Fênix Caixeiral*, órgão oficial da associação, afirmava: “Sobre todos os tentamens, visamos de preferência a Instrução; e nenhuma corporação congênere, em nosso país, dadas as relatividades do meio, pode registrar a respeito o resultado obtido pela Phenix Caixeiral”. (MEMÓRIA: 20).

Entretanto, somente a partir de 1912 passou a conceder diploma de *guarda-livros* aos concludentes do Curso Commercial. Esse título conferia ao profissional prerrogativas específicas para executar a contabilidade mercantil. A formação técnica deles veio mudando, conco-

mitante com as necessidades complexas das atividades mercantis, sempre em progresso. O grande mérito e sucesso da Fênix Caixeiral foi acompanhar essas mudanças atualizando seu ensino, cumprindo determinações legais.

A Fênix sempre esteve presente nos eventos sociais e comemorativos ocorridos na cidade. Por ocasião das comemorações do 4º. Centenário da Descoberta do Brasil (1900), realizou sessão solene em sua sede localizada à Rua Major Facundo nº. 34. Foram expedidas correspondências para associações congêneres do Brasil, dentre elas para a dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro, Perseverança e Auxílio de Maceió, Centro Caixeiral do Maranhão, Clube Caixeiral de Porto Alegre, Empregados do Comércio de Pernambuco, União Caixeiral de Sergipe. Fato esse que demonstra a existência de um movimento caixeiral em grande parte do Brasil.

Não menos expressivos foram os festejos organizados no 1º. Centenário da Independência do Brasil, em 1922. Foi publicado neste evento uma *Memória Histórica da Phenix Caixeiral do Ceará (1891-1922)*, como contribuição dessa Sociedade na Exposição Nacional.

Dentre centenas de profissionais formados por ela, destacamos nominalmente, como homenagem, aqueles diplomados de 1912 até 1920. Integrados que foram às atividades do comércio de Fortaleza. Em 1912: Raymundo de Paula Vianna, Valmar Borges da Silva, 1913: Hippolito da Silva Mattos, Manoel Alves de Oliveira, Jader Augusto de Moraes, Alberico Gomes Parente. 1914: Eurico de Alencar Araripe, Alberto Façanha de Sá, Joaquim de Oliveira Lima. 1915: Sergio Rodrigues de Carvalho, José Joaquim de Oliveira Paiva, Anastácio Pessoa, José Bezerra da Rocha, Prisco Vieira de Brito, Raul Amora Gadelha. 1916: Edgar Dutra Nunes, Francisco Patrício de Barros, Renato Freire, Alípio Mattos. 1917: Francinet Correia Leitão, Manoel Marinho da Silva, Mario Ramos Torres de Melo. 1918: José Pinto Cavalcante. 1919: Anthero Gomes de Oliveira, Célio Augusto de Moraes, Fileto do Carmo, Josaphat Lima Linhares, Manoel Sadoc Cisne, Raymundo de Freitas Ramos, Waldemar Barros. 1920: Edgar Ramos de Alencar, José Waldizar Jucá, César Garcia Juaçaba, Walter Fernandes, Francisco Rangel Borges, Elias Mallmann.

Desde sua fundação em 1891 até 1922, no centenário da Independência do Brasil, foram matriculados na Escola de Comércio:

1891 -147 alunos; 1892 - 87; 1893 - 112; 1894 - 104; 1895 – 118; 1896 –111; 1897 – 122; 1898 - 131; 1899 - 108; 1900 - 117; 1901 – 120; 1902 – 106; 1903 – 121; 1904 – 123; 1905 - 176; 1906 – 254; 1907 – 147; 1908 – 168; 1909 – 132; 1910 – 122; 1911 – 186; 1912 – 149; 1913 – 136; 1914 – 162; 1915 – 243; 1916 – 197; 1917 – 187 – 1918 – 163; 1919 – 218; 1920 – 172; 1921 – 205; 1922 – 202. Total : 4.846 alunos. Média anual de alunos: 150.

Nesse mesmo período foram Presidentes da Fênix Caixeiral: 1891- 1892 – Antônio Alves Brasil (ver STUDART, Dicionário v. 1). 1893 – Pedro Muniz (ver STUDART, *Dicionário* – v. 3). 1894 – Francisco Barros Teles. 1895-1896 – João R. Salgado (Gerente do Banco do Ceará). 1897 – José Rodrigues de Carvalho (Contador do Banco do Ceará). 1898 - 1899 – Francisco Barros Teles. 1900 – Antônio Ivo de Matos. 1901-1902 – **Joaquim Magalhães** (Guarda-Livros no Banco do Ceará). 1903-1904 – João de Castro Ramos. 1905-1907 – **Joaquim Magalhães** - 1908 – Joaquim Sá. 1909 – Gabriel Fiúza Pequeno. 1910-1919- **Joaquim Magalhães**. 1920-1922 – Adolpho Gonçalves Siqueira. (Presidente da Câmara Municipal de Fortaleza e posteriormente Prefeito Interino).

Ocuparam, também, durante tempo mais ou menos longo, a presidência da Sociedade, os seguintes sócios: Antônio Ivo de Matos (1897); José Perdigão Bastos e Raimundo Themistocles Barroso de Carvalho (1899); Francisco Pinto de Mesquita (1904); Antônio Nunes Valente (1909); Antônio Uchoa Mourão (1910): todos como substitutos legais e em virtude de retirada, definitiva ou temporária, dos presidentes efetivos, para fora do Estado. Dentre outros, Heráclito Domingues da Silva (fundador) e Prisco Cruz, serviram como presidentes, alternadamente com os efetivos durante anos. (MEMÓRIA. p.11).

Conforme os Estatutos de 1925 eram três os poderes sociais da Fênix: a Assembléia Geral, o Conselho de Honra e o Conselho Administrativo. Este último funcionava como um Poder Executivo. Era composto por 45 membros, todos sócios, assim distribuídos: um Presidente; 1º. e 2º. Vice-Presidentes; 1º, 2º, 3º e 4º. Secretários, 1 Secretário da Escola de Comércio; 1º e 2º Tesoureiros; 1º. e 2º. Bibliotecários; 12 Diretores, juntamente com 12 Adjuntos de Diretores, um em cada mês; Comissão de Sindicância – 3 membros; Comissão de Finanças – 3 membros; Comissão de Representação ; 3 membros. Além desses, havia um Médico; um “Administrador do Palácio Social”, um

Procurador. Era uma organização complexa, mas eficiente, com funções definidas nos Estatutos. Os relatórios anuais eram circunstanciados, descrevendo todas as atividades realizadas durante cada administração.

Neste Estatuto destaca-se o **Art. 148. § Único – Qualquer Reforma, porém, que se proceda nesta Lei, não poderá, antes de 50 anos, alterar os artigos 137 e 138, cujas disposições textuais são irrevogáveis nesse período.** Os citados artigos afirmavam que *Os bens imóveis da Sociedade são inalienáveis de modo próprio, salvo si nove décimas partes dos sócios efetivos no gozo pleno de seus direitos e residentes nesta Capital, autorizarem por escripto ao Conselho Administrativo sua venda ou qualquer espécie de alienação.* Cinqüenta e quatro anos depois (1979) o *Palácio Social da Fênix Caixeiral* foi vendido e cinco anos depois (1984) demolido.



Local (hoje) onde ficava o Palacete da Fênix Caixeiral na esquina da Rua General Sampaio com Rua Guilherme Rocha

A inauguração do 2º Prédio Social da Phenix Caixeiral deu mais prestígio a classe caixeiral. Vejamos a descrição dele:

È o Palacete da Phenix Caixeiral, situado nas ruas 24 de Maio, frentes, e 24 de Janeiro (hoje Cel. Guilherme Rocha), literalmente, o mais bello e o mais importante edificio desta Capital, quer sob o ponto de vista architectonico, quer sob o ponto de vista de suas ornamentações, quer sob o ponto de vista de suas dimensões. A sua architectura uma combinação do “Corinthio”, no segundo pavimento, com o “Jonico”, no primeiro, offerece um agradável conjuncto com apropriação aos fins da mesma Sociedade. Com effeito, o primeiro pavimento é destinado ao funcionamento da sua “Escola de Commercio” e da sua Bibliotheca, o que justifica o seu estylo – Jônico -, e o segundo foi preparado para a realização das festas commemorativas das suas datas grandiosas e das sessões do “Conselho Administrativo”, o que, igualmente, fundamenta o seu estylo – Corinthio.

Este elegante Palacete de custo aproximado de 350 contos, inclusive o preço do terreno e o prejuizo de um desastre, nelle verificado, foi projetado pelo hábil artista cearense J. de Paula Barros, sendo seu



Fachada do segundo prédio da Phenix Caixeiral esquina da Rua 24 de Maio com a Rua Guilherme Rocha - 1915

construtor o competente architecto Augusto Lopes, também cearense, sob a direção technica do illustre Dr. Anthero Freitas do Amaral. A sua pedra fundamental foi festivamente lançada em 24 de Junho de 1913, e as obras de sua construção iniciaram-se em 18 de Agosto do mesmo anno, ficando da mesma encarregada uma commissão composta dos distinctos phenistas – Antonio Nunes Valente, presidente, Joaquim Jorge Vieira, thesoureiro; Arthur de Moura Ramos, secretario; Joaquim Sá, administrador, e João de Alencar Araripe, director financeiro, o qual, tendo falecido, foi substituído por Álvaro Nunes Weyne.

O importante edificio, que ocupa uma área de 1.163m², tem as fundações de concreto pedra britada com argamassa de cimento de 1:3 de areia – com dimensões de 1m,40 de altura e 1m de espessura: as paredes, de alvenaria de tijolo com argamassa de cal e cimento, medem de espessura, as principaes, do primeiro pavimento, 0,60m as do segundo, e 0m,50, e as internas, divisórias.

A altura do rico Palacete é, actualmente, de 14m., comprehendendo o primeiro pavimento de 6m,50, o segundo 6m, e a platibanda 1m,50. Com a cúpula, a sua altura se elevará a 26m, inclusive o mastro de 4m., pois o zimbório mede 6m. e o lauternim (sic) 2m. A cúpula é complemento da obra.

O primeiro pavimento (com 7 portas para a Rua 24 de Maio, 1 grande portão para a Praça Márquez do Herval, e 13 portas para a Rua 24 de Janeiro (hoje Cel. Guilherme Rocha), e mais 9 portas para o jardim desta ultima Rua, tendo 6m.25 de largura e 9m.52 (59.50m²) - de comprimento com um bellissimo portão de ferro e gradil – estylo moderno – e 18 para os pateos internos do arejamento, descobertos) está dividido em 9 compartimentos, sendo dois grandes salões de 18m. x 9m.75 (175,50m²) cada um e outro de 9m.15x6m.6m.50 (59,48m²) destinados às aulas da “Escola de Commercio”; um quarto salão de 13m.40x8m.28 (111m²), do lado da Rua 24 de Maio, para a Bibliotheca; um quinto de 14.20x 8.0 (113.60 m²) também para aulas; um salão de 8.0m x 5.0 (40.00m²) para consultas medicas; um espaçoso corredor 3.10x12.90m que conduz à escadaria interna; uma dependência de 6.30m x 3.40m (21.42m²) para archivo; outra, sob a escadaria interna com mictorios, e water-closets, e, finalmente, o vestibulo de 8.28m x 8.20 (67,90m²), onde se acha montada uma riquíssima escadaria, com elegante balaustrada de pão setim e degraus de acapu, em dois

ramos com dois patamares. Este pavimento é todo ladrilhado a mosaico allemão de lindos padrões, e os forros todos de cedro com finíssimas pinturas.

O segundo pavimento (com sete janelas para a Rua 24 de Maio, um janellão para a praça Márquez do Herval e 13 janellas para a Rua 24 de Janeiro (hoje Cel. Guilherme Rocha), e, mais 4 janellas e uma varanda, de 9.63m, de venezianas e vidraças para o jardim, 18 janellas para os pateos internos, e 2 portas para um pequeno terraço) está dividido em 6 compartimentos, sendo um grande salão (o maior desta capital) de 20m x 18.40m (368 m²); um segundo salão de 19.85m x 8.00m (158 m²), destinado a um museu; um terceiro de 12.45m x 9.93m (123,62 m²) para as sessões do “Conselho Administrativo” da “Phenix”; uma sala de 6.30 x 3.40m (21.40m²) para toilette das senhoras com lavatório, sanitário, boudoir e terraço; à dependência da escadaria e o salão nobre, para o lado da Rua 24 de Maio, estylo a Luis XVI. Os soalhos deste pavimento, todos de acapu, setim e violeta, em mosaico, montam sobre longarinas de ferro e apoiadas sobre as paredes e columnas do primeiro pavimento. O tecto do salão nobre é de estuque, e os forros dos demais salões são todos de cedro. Pinturas, lindíssimas bordam os tectos dos salões, notadamente, no salão grande, dividido em quatro painéis, representando o Commercio, a Agricultura a Industria e a Musica.

As paredes deste pavimento, como o do primeiro, são todas pintadas a óleo, e as do “Salão Nobre” contem lindos paneaux, conforme o estylo de sua decoração.

O travejamento da coberta, de telhas de amianto e cimento, é todo de madeira de lei do pais.

O edificio é todo illuminado à luz electrica, sendo os lustres de bronze dourado. Finalmente, as portas e as janellas são todas de acapú.

Em ligeiros traços, aqui fica a descripção do Palacete que, hoje, se inaugura, supprindo o leitor intelligente a deficiência deste trabalho, que muito aquem está da imponência e magnificência deste edificio, que attestam o quanto podem a dedicação e o esforço pelas causas nobres e elevadas.

(Da edição especial do “Phenix Caixeiral”, commemorativa do 24.º anniversário de sua instalação e da inauguração de seu novo Prédio).



Salão Nobre do Palácio Social - Reunião do Conselho Administrativo

Os Relatórios anuais são repositórios de sua história. Aqueles apresentados em 1908 e 1909 registram os seguintes dados:

A **Biblioteca** possuía 4.208 volumes e funcionava das 19h30 às 21h. Foram emprestados 5.192 volumes e consultados 5.781. O Mausoléu para seus associados, no Cemitério São João Batista, 1º. Plano, com 11 lugares, era de fino acabamento, e avaliado em 4:087\$ 000 rs (oito contos e oitenta e sete mil réis). O Pecúlio para os associados era de 300\$000 réis, com uma contribuição anual de apenas 6\$000 réis. O Prédio da rua Guilherme Rocha, estava segurado em 60:000\$000 réis (sessenta contos de réis) mas valia 66:000\$000 réis (sessenta contos de réis). Assistência Médica foi criada em 1908. O médico, Dr. Eduardo Borges Mamede, recebia de honorários 100\$000 réis mensais. Havia visitas domiciliares. Professores : os vencimentos mensais variavam de 40 a 110\$000 réis Recebia subvenção do Governo Federal no valor de 5:000\$000 réis anuais; para o orçamento de 1909.

Foi instituída uma **Secção Militar da Fênix**. O instrutor, Capitão Heráclito Helio Fernandes Lima, recebia honorários de 100\$000 réis mensais. Foram importadas da Europa armas e munições. Inscreveram-se 45 associados; o Relatório relaciona o nome deles. Cada cartucho custava para o usuário 20 réis. As aulas de “Linha de Tiro” eram reali-

zadas no 2º. Plano do Passeio Público. Posteriormente foi denominado Tiro de Guerra. Daí Rodolpho Teophilo em suas “reminiscências”, afirmar: *Os seus sócios, mais de mil, sabem manejar as armas [...]*; isso em 1926.



Salão da Biblioteca

No Relatório de 1919, constava que o patrimônio da Fênix, em 1901 era de 100:154\$380 réis, em 1919, 260:892\$960 réis. Neste ano arrecadou em mensalidades 20:146\$382 réis. Recebeu em subvenções 10:000\$000 réis do Governo Federal e a mesma quantia do Governo Estadual.

Foram muitas as realizações das lideranças fenixitas em benefício da associação, e da classe caixeiral.

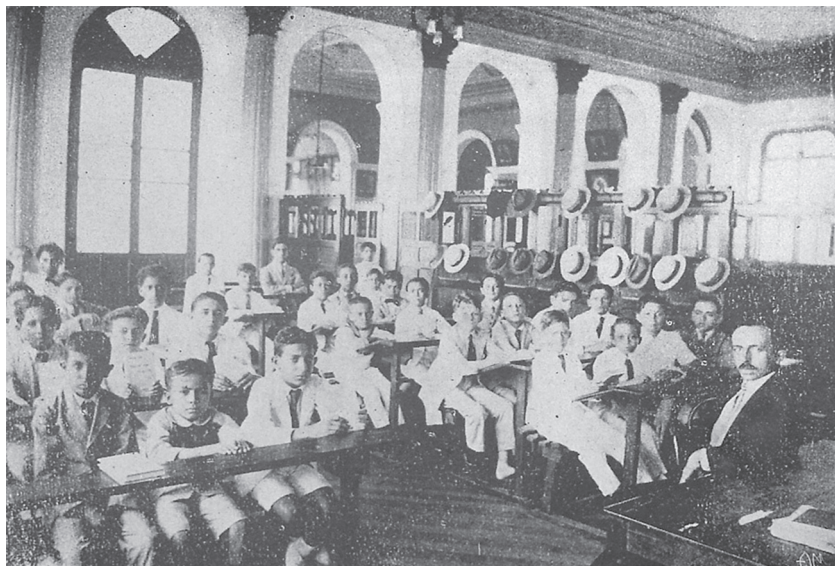
Lei Estadual n.º 1306, de 5 de setembro de 1915. Autoriza o Presidente do Estado a subvencionar, anualmente, até a quantia de 10:000\$000 réis (dez contos de réis) a Escola de Comércio mantida pela Phenix Caixeiral.

Lei Municipal n.º 56, de 25 de junho de 1918. Considera feriado Municipal o dia 24 de junho, data da instalação da Sociedade Phenix Caixeiral.

Decreto Federal n.º. 3523, de 28 de agosto de 1918. Considera de utilidade pública a Associação Comercial do Ceará e a Phenix Caixeiral, de Fortaleza.

Lei n.º. 33, de 28 de dezembro de 1920. Regulamentação do Fechamento de Portas no Município de Fortaleza. Art. 1.º - As casas bancárias, as lojas de fazendas e miudezas, as agências e escritórios comerciais, os armazéns e os estabelecimentos comerciais em geral, não poderão permanecer abertos além das 18 horas. § único - Os bancos e as casas bancárias poderão funcionar, realizando serões, até durante 10 dias em cada mês, sem contudo prolongá-los além das 23 horas. Art. 2.º - As oficinas de barbeiros e cabeleireiros fecharão, nos sábados, às 22 horas e, nos dias úteis restantes às 19 horas. Art. 3.º - Nenhuma loja de fazendas, oficina, fábrica, armazém, ou outro qualquer estabelecimento comercial, poderá abrir suas portas aos domingos ou feriados nacionais e dias santificados...”.

A Câmara Municipal de Fortaleza tinha como Presidente Adolpho Gonçalves Siqueira (então Presidente da Phenix), Antônio de Alencar Araripe, Secretário, Cunegundes Rodrigues da Silva, João José Vieira da Costa, Demosthenes Brígido, Thuribio Motta, Luís Perdigão Bastos e José Arruda.



Escola de Comércio - Curso Anexo



Escola de Comércio - 1º. Ano do Curso Profissional



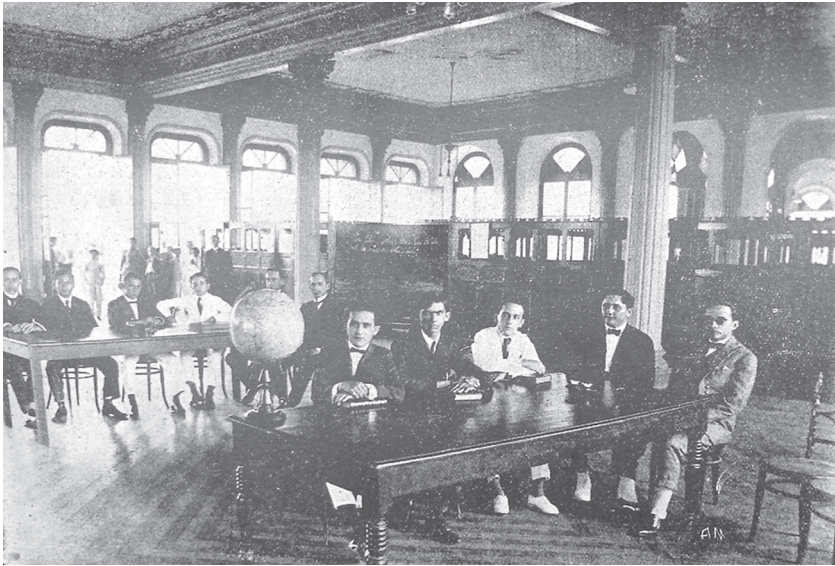
Escola de Comércio - 2º. Ano do Curso Profissional - Está assinalado no primeiro plano, o professor Francisco de Menezes Pimentel, posteriormente governador e senador do Ceará



Escola de Comércio - 3º. Ano do Curso Profissional



Escola de Comércio - 3º. Ano do Curso Profissional



Escola de Comércio - 5º. e 6º. Anos do Curso Profissional

Decreto Lei Federal nº. 472 A, de 23 de agosto de 1923. Reconhece a **Escola Prática de Comércio** mantida pela Phenix Caixeiral de Fortaleza, os diplomas concedidos por ela, equiparando-os com os da **Academia de Comércio do Rio de Janeiro**.

Em 24 de fevereiro de 1926, são aprovados pelos acionistas os Estatutos do Banco de Crédito Caixeiral (Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada), cuja sede localizava-se à rua Floriano Peixoto, nº. 246. Seu capital social era constituído por ações de 20\$000 réis.

Em 1932 foi a Escola Técnica reconhecida pelo Governo da União submetendo-se ao regime de inspeção federal.

Em 1936, pela Lei nº. 112 de 20 de maio, foram concedidas, anualmente, auxílios no total de 11:000\$000 réis (cento e dez contos de réis), às Escolas Técnicas de Comércio da Fênix, em Fortaleza, e as de Crato e Sobral. Sendo 50:000\$000 réis (cinquenta contos de réis, para a Fênix, 30:000\$000 réis para cada uma das duas cidades. Estes valores deveriam ser usados na construção e reforma de prédios para melhor funcionamento das aulas.



Título de Sócio Efetivo concedido naquela época, pela Phenix Caixaerial, a seus associados

Em 1931, em artigo publicado no **Album de Fortaleza**, organizado por Paulo Bezerra, é afirmado que o Banco de Crédito Caixaerial tem filiais em Iguatu e outra em Aracati.

Pelos novos estatutos, 1931, foi instalada a **Caixa dos Desempregados** cujos fundos eram formados com 10% da renda social ordinária.

A **Guarda Cívica Fenixta** desempenhou, em outubro de 1930, importante participação na segurança da capital. Era Presidente da associação caixaerial o Sr. Edgard Falcão.

Em 1937 o pecúlio pago para os associados já importava em 1:500\$000 réis.

Nesse mesmo ano a administração fenixta era assim constituída:
Conselho de Honra: Adolfo Gonçalves de Siqueira, Maximiano Leite Barbosa, Fausto Cabral, Carlos Ribeiro Calmon, Oscar Pettezzoni.
Conselho Administrativo: Edgar Sá – Presidente; Elpidio Gladstone – Vice-Presidente; Francisco Vasconcelos de Arruda – 1º Secretário; Eliseu de Sousa Pereira – 2º Secretário; Carlos Brito – Tesoureiro; João Aderson

Nogueira de Sousa – Adjunto Tesoureiro. Comissão de Finanças: José Paulo Jucá, Eduardo Sabóia de Castro, Expedito de Castro. Comissão de Instrução: Moacir Mota, Raimundo Lopes, Reginaldo Rocha. Comissão de Assistência Social: Edgard Falcão, Aponiano Avelino de Sousa, José Jucá Albuquerque. Comissão de Higiene: Olavo Euclides de Araújo, Irajá Vasconcelos, Mario Fernandes Machado. Comissão de Representação: Artur Bezerra de Meneses, Agostinho Mendonça, Jefferson Braun. Comissão de Sindicâncias: José Bastos Filho, Antônio Oliveira Bino, Maranaldo Dias de Carvalho, Raimundo de Almeida Moraes, Enoque Brasil de Matos, Eliseu Barros de Freitas, Salomão da Silva Carneiro, Joel Viana Camurça, João de Deus Oliveira.

A Fênix Caixeiral possuía, em 1931: um Cine-Teatro, Pátio de Diversões, Centro de Cultura Física (posteriormente Praça de Esportes) um **Tiro de Guerra** para formação de reservistas do Exército. A Secção Militar, criada em 1908, com a denominação de **Linha de Tiro**, foi uma pioneira dos **Tiros de Guerra**, mesmo antes da obrigatoriedade do serviço militar.

O seguinte documento constitui um registro na história da Fênix Caixeiral, trata-se do

*Hino do Empregado no Comércio
(Letra de Bastos Tigre)*

Força e glória ao comércio fecundo
Que progresso e concórdia produza;
A ligar os mil povos do mundo,
Elos de ouro são elos de luz!
Permutando as riquezas do solo,
Vai por terra, por mares, pelo ar,
Do Equador às geleiras do Pólo,
O conforto da vida levar.
Irmanados na ação progressista,
Vencerá nosso esforço tenaz;
É o comércio legião à conquista
Das incruentas vitórias da Paz.
Se é seu fito buscar a riqueza,
A ambição não se curva servil;
Visa a nossa labuta a grandeza,
A opulência, o esplendor do Brasil!

Se por mal de costumes iníquos
Foi o nosso mister – servidão,
Dão-nos hoje trabalhos profícuos,
Liberdade, conforto, Instrução.
Não nos fica na face impresso
O sinal de fadiga e de dor;
O trabalho conduz ao progresso,
Redobremos de extremo labor!

REFRÃO

Pela união fraterna e forte
Dez de nós valerão mil!
Aponte a paz o nosso norte,
Para a grandeza do Brasil!

(Este hino foi cantado, em solenidade do dia 30 de outubro de 1937 pelo “Orfeon Fenixta”).

Muitos personagens ilustres ligados à história de Fortaleza foram filiados a Fênix: como alunos, professores, sócios efetivos, beneméritos, honorários, ou pertencentes ao seu Conselho de Honra. Dentre muitos citamos: Desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca – primeiro Presidente do Instituto do Ceará; José Gentil Alves de Carvalho – comerciante, empresário e banqueiro; Henrique Theberge – Engenheiro Militar, sócio honorário; Antônio Nunes Valente, Eduardo de Castro Bezerra, Adolpho Gonçalves de Siqueira – ex-Presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, ex- Prefeito Municipal (1923-1924), Presidente da Fênix Caixeiral; Francisco de Meneses Pimentel – ex-Governador do Estado do Ceará (1936-1945), Senador pelo Ceará, Diretor do Instituto São Luís, Professor da Faculdade de Direito do Ceará, Professor da Fênix; Plácido Aderaldo Castelo – ex-Governador do Estado do Ceará, Deputado Estadual, Professor e ex- Presidente da Fênix, como também Sócio Benemérito; Sócio Efetivo do Instituto do Ceará; Raimundo Leopoldo Coelho de Arruda – Catedrático do Liceu do Ceará; Henrique de Alencastro Autran – Professor do Liceu do Ceará e Colégio Militar do Ceará; Pedro Albano, Catedrático do Colégio Militar do

Ceará; Carlito Pamplona, D. Nila Gomes Soarez, viúva do conhecido educador cearense Edilson Brasil Soarez, Chistiano Câmara e mais recentemente, José Caminha de Alencar Araripe, Professor aposentado da Universidade Federal do Ceará, Jornalista renomado e escritor; Pedro Sisnando Leite – ex-Secretário de Estado do Ceará, Professor aposentado da Universidade Federal do Ceará, Economista destacado no Banco do Nordeste. Estes dois últimos são atualmente Sócios Efetivos do Instituto do Ceará.

Até a década de 1930 a Fênix Caixeiral esteve em ascensão, naquelas posteriores de 1940 e 1950, estabilizou-se. As mudanças da modernidade, em seguida, marcaram seu declínio. Seu desaparecimento não apagou ou desfez o que foi realizado no passado: inesquecível para a história, e para aqueles que foram seus beneficiários, que ainda, em número cada vez menor, guardam sua lembrança.

A Fênix perdeu o caráter classista e assistencialista para seus associados. Sobreviveu a Escola Técnica de Comércio. Posteriormente surgiram outras instituições congêneres, tanto no interior como na capital, tais como: Curso Francisco D’Auria; Escola Técnica de Comércio do Ceará; Escola Técnica de Comercio Padre Champagnat; Escola Técnica de Comércio Carlos de Carvalho. No interior: Escola Técnica de Comércio de Juazeiro do Norte; Ginásio Anchieta, de Maranguape; Escola Técnica de Comércio Dom José, de Sobral; Escola Técnica de Comércio, do Crato.

Passou alguns anos em decadência, e problemas internos contribuíram para seu fim. Hoje existe com o nome Colégio Fênix Caixeiral, funcionando, triste coincidência, na antiga residência do ex-Governador e Senador Francisco de Meneses Pimentel, um ex-professor destacado. Está ele presente em duas fotografias do novo prédio da Fênix, anexas a este trabalho. Por sinal, quase perdidas, pois foram tiradas de publicações impressas. Os originais não existem mais.

Quando a Fênix mudou-se para novo prédio, em 1915, sua primeira sede própria na Rua General Sampaio, foi alugada, trazendo rendimentos para a associação caixeiral. Posteriormente ela foi vendida e demolida no meado do século XX. Foi construído ali um novo edifício, no qual funcionam atualmente serviços da área de saúde. Perdia, assim, a Praça José de Alencar, uma de suas referências históricas.

O historiador Nirez escreveu em artigo publicado na *Revista do Instituto do Ceará*, de 2003, na efeméride do dia 10 de janeiro de 1979:

“A Fênix Caixeiral vende sua sede, na esquina da Rua 24 de Maio, nº. 446 com a Rua Guilherme Rocha nº. 648, ao Grupo Ximenes Tecidos S/A.” Em artigo do mesmo nome publicado na mesma revista de 2006, efeméride do dia 8 de junho de 1984, “Inicia-se a demolição do prédio da Fênix Caixeiral na esquina da Rua Guilherme Rocha nº. 648, com Rua 24 de Maio, na Praça José de Alencar. Fora vendido ao Grupo Ximenes Tecidos S/A.”



Local atualmente da antiga sede do Palacete da Fenix Caixeiral, na esquina da Rua 24 de Maio com Rua Guilherme Rocha

O tradicional jornal *O Povo* assim registrou o fim de um testemunho histórico da cidade de Fortaleza em sua edição de sábado, 6 de janeiro de 1979: *Vendido afinal o prédio da Fênix. Na ocasião O Povo ouviu Aloísio Ximenes, do Grupo Ximenes Tecidos S/A, que comprou o edifício. Ele explicou que “a decisão de concorrer à aquisição do prédio revestiu-se de caráter puramente comercial, levando-se em conta que a valorização determinada pela proximidade do centro de comércio justificava a oferta feita pela organização.” Até aquela data, o prédio ainda estava sem destino. “Pode virar um shopping center, uma incorporada, loja de departamentos, estacionamento ou mesmo a sede de nossa organização”, previa o novo proprietário.*

Posteriormente, completa o histórico daquele fato em artigo intitulado: *O edifício pomposo tombou, mas a Fênix Caixeiral vive em prédio de colégio. ... Com ele, vieram abaixo a imponente escadaria de madeira, os grandes salões nobres e sociais, e até um pequeno museu. Mosaicos alemães, forro de cedro, assoalhos de pau-cetim. Parte do acervo interno e da mobília do prédio foram transferidos para a sede da avenida Imperador. A venda do antigo prédio foi realizada em janeiro de 1979 e sua demolição foi concluída nos primeiros anos da década de 80. As dívidas avolumadas foram a principal causa da “queda, vendida em 1979 para o Grupo Ximenes Tecidos S/A, em seguida, para a Caixa de Previdência do antigo BEC, que demoliu o passado, transformando-o em um “lojão bancário”, com postos de prestação de serviços e captação de poupança.*



Prédio do Colégio Fênix Caixeiral na Av. do Imperador - (atualmente)

Bibliografia

- ADERALDO, Mozart Soriano. *História Abreviada de Fortaleza e Crônicas da Cidade Amada*. Fortaleza: Edições UFC/ Casa José de Alencar, 1993.
- AZEVEDO, Miguel Ângelo de (NIREZ). *Fortaleza de ontem e de hoje*. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1991.

BARREIRA, Dolor. *História do Ceará. História da Literatura Cearense. Tomo 11* Edição fac-similar. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

BARREIRA, Dolor. *História do Ceará. História da Literatura cearense. Tomo 3*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1954.

BEZERRA, Paulo. *Álbum de Fortaleza*. Fortaleza: Meton Gadelha & Cia, 1931.

CÂMARA, João. *Almanach Administrativo, estatístico, mercantil e Industrial do Estado do Ceará para 1896. Confeccionado por João Câmara*. Fortaleza: Typ. da República, 1896.

CASTELO, Plácido Aderaldo. *História do Ensino no Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1970.

GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

MENEZES, Antônio Bezerra de. *Descrição da Cidade de Fortaleza*. Introdução e notas de Raimundo Girão.

MEMÓRIA Histórica da *Fênix Caixeiral do Ceará*. (1891-1922). Fortaleza: Typografia Commercial, 1922.

JORNAL O POVO.

SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. *Pequena História da Telefonia no Ceará*. Fortaleza: Telemar, 1982.

_____. *História da Escravidão no Ceará. Das origens à extinção*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.

STUDART, Barão de. *Datas e Fatos para a História do Ceará*. Edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. 3 volumes.

THEOPHILO, Rodolpho. *O Caixeiro (Reminiscências)*. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura, 2002.

RELATÓRIOS DA SOCIEDADE PHENIX CAIXEIRAL. Referentes às administrações de 1909, 1919, 1925.

ESTATUTOS DA SOCIEDADE PHENIX CAIXEIRAL – 1925.

MANIFESTAÇÃO AO PÚBLICO PELA SOCIEDADE CAIXEIRAL DO CEARÁ (**exclusão indevida de cidadãos da lista de eleitores por serem caixeiros**). Fortaleza, 1882.